

“Metodologia de cartas” como estratégia metodológica para entender os fluxos urbanos de jovens contemporâneos

Victor Hugo Nedel Oliveira¹

Resumo

Diante da diversidade característica dos jovens, entende-se que há uma pluralidade entre esses sujeitos acarretando diversas identidades, inclusive na escolha de lugares para frequentar. O presente artigo busca apresentar uma técnica de coleta de dados do fluxo urbano de jovens contemporâneos a partir do que se denominou “metodologia de cartas”. A técnica propõe a análise do conteúdo das cartas escritas por jovens para um visitante hipotético em sua cidade, o qual teria vinte e quatro horas de convivência para apresentar seus locais de interesse e seus itinerários com o convidado. Como aporte teórico, ancorou-se em pesquisadores sobre as juventudes, como José Machado Pais com a sua concepção da diversidade entre os jovens e das culturas juvenis, e em Paulo Cesar Rodrigues Carrano, que aborda sobre os espaços de socialização, e afirma que os jovens influenciam na cidade e por ela são educados. Para discutir a aplicação metodológica, realizou-se um estudo de caso com 24 jovens-estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo como recorte espacial a cidade de Porto Alegre. Os resultados apontam que os locais públicos e de lazer predominam para os jovens participantes da pesquisa, bom como se pode constatar uma visão sobre a cidade ser perigosa e insegura. Percebeu-se, em diversas cartas, que o itinerário escrito passou por lugares que estes jovens escolarizados circulam em sua rotina.

Palavras-chave: juventudes; cidade; metodologia de cartas

Recepción: 29/03/2021

Evaluación 1: 28/04/2021

Evaluación 2: 24/04/2021

Aceptación: 11/05/2021

Para início de conversa: a cidade e seus jovens

Pensar as juventudes contemporâneas na sociedade atual torna-se uma ação cujo cenário embutido tende a ser, em muitos dos casos, a cidade, visto que a maioria dos jovens vive em áreas urbanas. Como os pesquisadores das juventudes, então, capturam as cenas urbanas, os fluxos juvenis e os espaços de pertença desses sujeitos? Este estudo teve como principal objetivo apresentar uma técnica de coleta de dados do fluxo urbano de jovens contemporâneos a partir do que se denominou “metodologia de cartas. Para além da discussão teórica das juventudes e da cidade apresentadas, promove-se discussão da estratégia metodológica proposta e apresenta-se, por fim, um estudo de caso da aplicação do recurso metodológico desenvolvido.

A cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul e integrante do território brasileiro deu início a sua história em 1752, com aproximadamente sessenta casais portugueses açorianos que esperaram uma demarcação de terras no noroeste do estado pelo governo português. Traçando um panorama geográfico, às margens da capital encontra-se o Lago Guaíba, que possibilitou a importação e exportação de produtos para Porto Alegre através

do Cais do Porto. Os espaços de lazer combinam com o hábito de frequentar praças como momento de lazer nos finais de semana, sendo os mais conhecidos: Parque Marinha do Brasil, Parque Farroupilha e o Parque Germânia. No setor do comércio encontram-se locais privados como shoppings, as lojas nos bairros comerciais, por exemplo, o Centro da cidade. E há também as feiras em zonas de lazer, sendo vendidos principalmente artesanatos e alimentos.

Visto o cenário urbano da cidade, assume-se que Porto Alegre permite diversas relações sociais das quais podem servir para um passeio por lazer, cultural ou para fazer compras. Logo, entende-se que, a partir destas relações forma-se o sujeito na cidade, inclusive podendo considerar a cidade de Porto Alegre como um lugar, conceito definido por Santos (1997) como espaço de identidade e pertencimento. Os jovens, por sua vez, também são habitantes da cidade e conforme Carrano (2003), a cidade também é um espaço educativo.

Entende-se que há diversidade entre os jovens. Pais (2001) reivindica a necessidade de entender que existe uma pluralidade entre os jovens, justamente pela diversidade entre as suas culturas neste segmento social. É importante salientar que tal diversidade também afeta as relações sociais pelos jovens e sua maneira de entender o seu mundo e de que maneira se posicionam diante de situações, identidades e locais.

É notável a presença dos jovens nos espaços na medida em que observamos sua linguagem e vestimenta, ou quando escutam música e mexem no celular. Trata-se de múltiplas características, que se relacionam com contextos locais e globais, que atravessam a escala coletiva e individual, expressadas de diferentes formas e são fortemente representadas nas gerações de juventudes contemporâneas. Essas são as culturas juvenis, são múltiplas e, por vezes, ditas efêmeras. São amplamente trabalhadas por Feixa (1998), quando afirma que:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. (Feixa, 1998, p. 32)

Portanto, as juventudes são múltiplas na medida em que existem de vários modos diante das distintas realidades que encontramos nos espaços da vida real. Sua diversidade vai do individual ao coletivo, mas é expressa neste último na medida em que agem e são percebidos nos espaços em que transitam.

Conforme o IBGE (2010), os jovens fazem parte da faixa etária entre 15 e 29 anos. Há de se perceber que há uma pluralidade entre eles, apesar de terem características próprias devido ao próprio recorte etário. Logo, é preciso entender que juventude não é apenas um momento de transição entre infância e adultos. Esse estudo foi realizado, portanto, com jovens na faixa etária dos 17 anos, por estarem vinculados ao 2º ano do Ensino Médio, o que denota que se trata de jovens escolarizados.

As juventudes são encontradas por toda a parte, seja em um espaço educativo ou em um local não-formal de aprendizagem, como os espaços de uma cidade. Há o debate sobre essa apropriação das juventudes com os locais que convivem. Como expressam Borelli e Rocha (2008):

[...] com “rodinhas nos pés”, tomam conta da cidade como um todo ou dos bairros das regiões em que vivem, numa circulação transversal e desordenada, que explode os limites da espacialidade urbana e, por vezes, do próprio pertencimento social (p.23).

A autora entende que a educação cabe além do espaço escolar, podendo ser a cidade, aquela que possibilita que os jovens façam parte dela, para ensinar ou aprender. A cidade, portanto, adquire importante papel no decorrer do estudo, pois, muito além de ser o “cenário” da

proposta metodológica, constitui-se como agente produtor de conhecimentos, de relações e de novas articulações, propostas pelos jovens que nela escrevem suas histórias.

A “metodologia de cartas” como recurso metodológico

As cartas relatam intimidade dos seus autores com sua escrita e expressam a sua maneira de estar ao mundo, além de conhecimentos acerca dele. O que foi escrito parte da subjetividade dos sujeitos pesquisados e suas maneiras de pertencimento e interação com a cidade, uma vez que os sujeitos escreveram sobre os seus espaços de identidade e pertencimento. Para tanto, está-se de acordo com Sierra Blás (2002), quando afirma que: a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a sua verdade.

Sobre o tema, definição e análise das cartas, encontra-se apoio teórico em Bezerra (2003), quando afirma que

Analisando cartas em geral, reconhece-se que seu corpo permite variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propaganda e outros), o que a faz afirmar que, embora sendo cartas, não são da mesma natureza, pois circulam em campos de atividades diversos, com funções comunicativas variadas: nos negócios, nas relações pessoais, na burocracia, no trabalho... (Bezerra, 2003, p. 210).

Ou seja, a carta constitui-se também como forma de rastreio das práticas culturais dos sujeitos jovens, visto que tal elemento marca o lugar social de onde falam e, tão importante quanto saber o que falam os jovens, é saber de onde eles vêm.

No que se refere aos interlocutores da carta a ser escrita, para além do “visitante hipotético”, Camargo (2000, p. 204) já orienta que os mesmos também serão compostos por aqueles que a ela tem acesso quando publicada e também aqueles que se inserem ou se interpõem no discurso de quem escreve, visto que os pesquisadores e os futuros leitores do trabalho também formarão parte deste grupo.

Portanto, a escrita das cartas pelos sujeitos jovens é uma forma de deixar suas marcas sobre como seria sua vida se, em um dia, tivessem a missão de apresentar sua cidade para um visitante. Esse tipo de utilização metodológica inovadora, de “cartas ao visitante”, já foi relatado em outros trabalhos de nossa autoria, como encontrado em Oliveira e Lacerda (2018a, 2018b) e em publicações de Oliveira (2018a; 2018b; 2018c).

Como um estudo de caso de aplicação dessa técnica de coleta de dados com jovens, realizou-se um estudo com jovens contemporâneos estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS, com foco nos espaços urbanos de Porto Alegre ocupados por aqueles, a metodologia da investigação foi a escrita de uma carta a um visitante hipotético, que ficaria na cidade por 24 horas em companhia do jovem. A produção de escrita foi realizada por 24 estudantes de uma turma do segundo ano do ensino médio da escola mencionada.

A escrita da carta ao viajante ocorreu em sala de aula e para tal, cada estudante recebeu uma folha com a orientação: “prezado viajante, me chamo (fulano) e teremos um dia juntos na cidade de Porto Alegre. Então, eu gostaria...”. A partir desse ponto, cada participante narra um dia de trânsito em Porto Alegre relatando os locais em que levaria um hipotético viajante. Numa totalidade foram vinte e quatro cartas analisadas.

A análise partiu para resultados quantitativos acerca dos Espaços Urbanos citados pelos sujeitos e resultados qualitativos, ao entender o fluxo entre os locais referidos.

Um estudo de caso da aplicação da “metodologia de cartas”

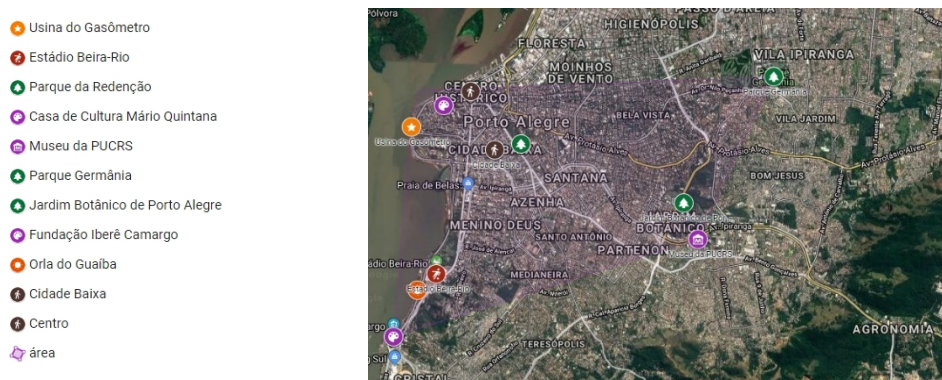
A investigação baseou-se em resultados extraídos das cartas escritas por estudantes de uma turma do segundo ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Das cartas, se analisaram três eixos básicos: a) os lugares citados; b) o fluxo na cidade e c) as “dicas” ao visitante.

Análise quantitativa dos resultados

Salienta-se que a análise se fez complexa, visto que há cartas que foram escritas de maneira sucinta, ou seja, em poucas linhas abordam o que foi solicitado. Há algumas que citam lugares de maneira genérica, sem identificação do local, por exemplo: “eu levaria ao shopping”. Logo, foram frases excluídas para a análise quantitativa da qual se construíram os gráficos. Também quando a generalização é extrema encaixa-se apenas no debate de análise geral das cartas, como ao escreverem “diversos lugares”. O foco fez-se numa avaliação sobre os locais citados e em dados numéricos apresentam-se os mais referidos e características acerca destes.

Foram retirados das cartas todos os Espaços Urbanos de Porto Alegre, citados pelos sujeitos da pesquisa, como espaços com nomeação genérica ou com o próprio. Houve lugares referenciados de uma relação íntima, como as casas das famílias ou outros espaços de intimidade, no entanto para a análise quantitativa buscaram-se os locais que mais foram citados dentre a lista de tantos outros referidos. A análise, deste modo, fez-se para onze espaços.

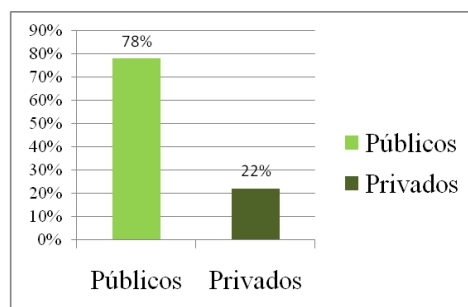
Figura 2: Mapeamento do fluxo urbano dos jovens pesquisados



Organização: o autor (2019)
Elaboração via Google Maps (2019)

Conforme a imagem do mapeamento, os espaços de Porto Alegre destacados foram: Usina do Gasômetro, Estádio Beira-Rio, Parque da Redenção, Casa de Cultura Mario Quintana, Museu de Ciências e Tecnologias da PUCRS, Parque Germânia, Jardim Botânico, Fundação Iberê Camargo, Orla do Guaíba e os bairros Cidade Baixa e Centro.

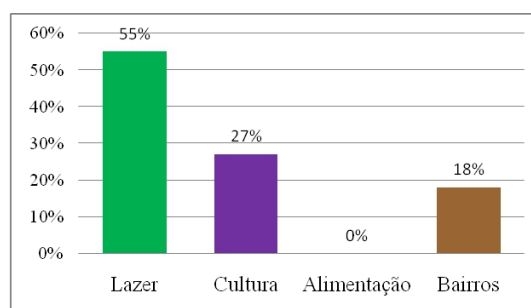
Gráfico 1: Relação Público – Privado dos Espaços Citados



Organização: o autor (2019)

Primeiramente, é preciso ressaltar que para este primeiro gráfico os bairros foram excluídos porque são entendidos como espaços de trânsito. Então, conforme o gráfico há uma grande diferença porcentual entre os eixos, sendo 78% dos espaços citados são espaços públicos. Percebeu-se que há uma valorização e ocupação dos jovens pelos locais públicos, sendo mencionados inúmeras vezes. Inclusive repara-se que há um forte conhecimento entre os estudantes destes espaços, visto que majoritariamente foram nomeados. Além de que em algumas cartas foi escrito que são ocupados durante a rotina. Repara-se que em maior parte dos espaços públicos citados, eles também são locais abertos por serem parques ou locais da Orla do Guaíba. O que se pode afirmar é que além de ser um local público, os sujeitos da pesquisa ocupam locais abertos. Sobre os lugares privados, que compõem 22% do gráfico são espaços de cultura como museus que há de pagar a entrada, como o Museu de Ciências e Tecnologias da PUCRS, mas que há de se afirmar que a frequência neste museu cabe em boa parte por estudantes de escolas quando vão a passeios estudantis, ou os estádios de futebol, que também há de pagar a entrada para ter direito de ver os jogos, sendo exemplificado no Beira-Rio.

Gráfico 2: Características dos Espaços Urbanos citados

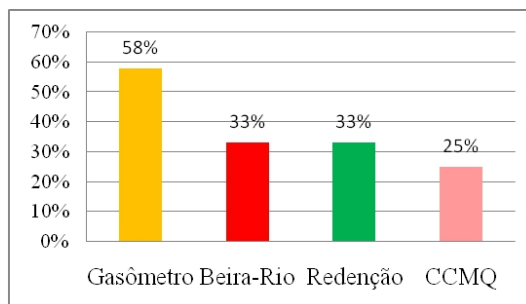


Organização: o autor (2019)

Sobre os lugares referenciados, há uma diversidade característica entre eles, visto que não foi selecionado apenas um tipo de espaço urbano para ir junto com o visitante, o que possibilita afirmar que houve uma preocupação por parte dos sujeitos com que o visitante pudesse conhecer diferentes lugares de Porto Alegre, não ficando apenas em um passeio entre parques ou museus, por exemplo. Repara-se que há uma divisão entre espaços concretos e de trânsito, dos quais estes são os bairros, Cidade Baixa e Centro Histórico. Afirma-se que são de trânsito porque os jovens pesquisados os escreveram como Espaços Urbanos abertos, no sentido de conhecer as ruas e os seus prédios. Sobre a movimentação, acerca do Centro foi recomendada como um trajeto durante o dia para conhecer a arquitetura e a história de Porto Alegre, enquanto a Cidade Baixa é apontada, preferencialmente, para um movimento noturno em busca de bares e festas para levar o visitante.

Acerca dos locais concretos em si, são citados em maior parte os espaços de lazer, dos quais entram na classificação sendo parques ou espaços que compõem a Orla do Guaíba. Por segundo ficam os espaços de cultura, sendo a Casa de Cultura Mario Quintana o mais citado. Sobre a Alimentação, em poucas cartas citou-se algum local de alimentação e quando citados foram espaços únicos, demonstrando a pouca percepção pelos jovens pesquisados por parar em um momento do fluxo para comer.

Gráfico 3: Os Espaços Urbanos mais citados de Porto Alegre



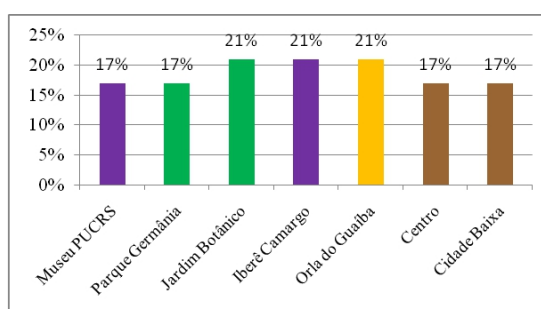
Organização: o autor (2019)

Em disparada, a Usina do Gasômetro se fez a moda com referência em 58% das cartas analisadas. O Gasômetro é uma construção que antigamente era usada como uma usina. Dentro do prédio, encontram-se salas para peças de teatro ou exposições, ou um espaço aberto no segundo andar. No entanto, a usina fica em frente ao Guaíba, sendo parte da orla. E é nela que se concentram os jovens, visto que na orla há espaço para sentar e conversar, além de poder caminhar, que é citado em algumas cartas como “vamos dar uma caminhada no Gasômetro”.

A Redenção, também conhecida como Parque Farroupilha, é um espaço grande Na zona central de Porto Alegre, que há a convivência de todas as gerações e de animais. É um espaço de lazer que costuma ficar cheio principalmente nos finais de semana e inclusive é um cartão-postal da cidade. A Redenção é espaço de eventos musicais e políticos.

Como espaço cultural mais citado apareceu a Casa de Cultura Mário Quintana, que chama a atenção pela sua arquitetura diferenciada. É um espaço no Centro de Porto Alegre que valoriza a arte, com exposições artísticas e peças de teatro, além de um cinema no primeiro andar. Ao seu redor encontram-se bares e cafeterias.

Gráfico 4: Outros Espaços Urbanos citados de Porto Alegre



Organização: o autor (2019)

Sobre o gráfico 4, aparecem os outros espaços urbanos mais citados dentre da lista do mapeamento, ficaram com uma frequência de 17% e 21% de referência nas cartas. Aparecem juntos no gráfico porque empataram em números de citações.

O Parque Germânia é um local de lazer, situado na zona norte. Encontrado perto de bairros nobres, é um parque fechado por grades e portões. O Jardim Botânico configura-se como um

espaço urbano da cidade que fica mais distante da zona central. É um espaço fechado com grades e portaria, visto que é um museu botânico. Percebe-se que os espaços da zona central da cidade são os mais visitados e ocupados pelos jovens, além de ser uma sugestão dada por eles. Conforme os gráficos são poucas citações para além da zona central.

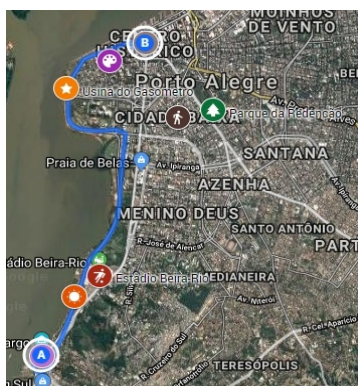
O Iberê Camargo é uma fundação cultural, sendo um museu diferenciado. A arquitetura chama a atenção, por ser diferente dos outros museus da cidade que são retangulares. Na cidade de Porto Alegre é comum, principalmente no final de semana que os cidadãos saiam para caminhar ou pedalar pelos parques e pela Orla. É por isso que a Orla do Guaíba é conceituada como um espaço urbano pelos próprios sujeitos da pesquisa. Logo, é diante desta diversidade de pessoas, como dos próprios jovens da cidade e desta pluralidade de atividades possíveis a Orla do Guaíba na zona central é movimentada, principalmente nos finais de semana.

Os fluxos na cidade Porto Alegre

O segundo tópico é sobre os fluxos na cidade. Ou seja, o trânsito para realizar o deslocamento entre os lugares citados. Em nenhuma carta se apresentou como seria a locomoção, seja por ônibus ou carro, por exemplo. Entretanto, aparece em algumas uma sugestão de uma caminhada para conhecer a cidade.

Outro ponto é que em maior parte das cartas é escrito um itinerário que possibilitou buscar o fluxo urbano, para saber sobre a percepção entre tempo versus distância. Além dos espaços escolhidos para se conhecer em 24 horas na cidade. Fez-se uma análise sobre todos os fluxos citados e percebeu-se que houve uma rota mais recomendada:

Figura 3: A rota mais recomendada: Orla do Guaíba



Organização: o autor (2019)
Elaboração via Google Maps (2019)

A rota que houve maior sugestão nas cartas foi uma caminhada pela Orla do Guaíba, com saída ou do Centro ou do Iberê Camargo, quando não perpassar pelos dois espaços. Conforme o *Google Maps* a rota inteira há de ser uma caminhada por 1h30min, o que possibilita ser um fluxo viável. Visto que o visitante pode conhecer inúmeros espaços entre os mais citados, circulando entre os recomendados pelos jovens pesquisados. Entretanto, houve rotas com um fluxo entre espaços distantes entre si também.

Dicas ao visitante

Foram encontradas dicas de dois tipos: a de qualidade e a de perigo. Ao dizer qualidade refere-se às dicas que sugerem pontos positivos como o que se encontra de bom em Porto

Alegre: churrasco e o pôr-do-sol. Que conforme palavras dos sujeitos, “Aqui há o melhor churrasco do país” e a sugestão de caminhar pela Orla do Guaíba para “ver o lindo pôr do sol de Porto Alegre”.

Entretanto, o foco é mais na dica da violência. Ou seja, em 20% das cartas se pontua fortemente para tomar cuidado, que Porto Alegre é violenta, com frequentes assaltos e assassinatos. Inclusive como escreve um estudante, “há uma grande frequência de roubos, mas não se assuste, depois de duas horas na cidade vai se acostumar”. Ou outro, que pontua “Não ande com objetos na mão, esconda [...]”.

Considerações finais

Diante dos tantos resultados, afirma-se que os jovens pesquisados conhecem a cidade de Porto Alegre e seus espaços urbanos, sendo estes ocupados ou apenas perpassados pelos sujeitos. Logo, entende-se que há uma marcação, circulação e ocupação da cidade pelos mesmos, sendo sujeitos que ensinam e aprendem com a cidade. Por outro lado, há a falta de percepção entre tempo e distância com espaços de zonas opostas, enquanto valorizam a zona central de POA.

Outro detalhe reparado é a supervalorização de espaços públicos da cidade, visto que foram em maior parte dos espaços mais referenciados nas cartas. E que estes são espaços como parques, bairros de trânsito e consumo, além da Orla do Guaíba, que é característica da capital gaúcha.

A carta ao visitante, como estratégia metodológica, possibilitou ampliar o grau de análise dos espaços urbanos de pertencimento dos jovens estudados, visto que sua utilização permitiu, para além da simples nomeação de espaços, entender a relação adotada entre os jovens estudantes e os locais da cidade pelos quais transitam e desejariam apresentar para um visitante hipotético.

As narrativas de si e, conseqüentemente, de seus fluxos urbanos faz com que se possa entender melhor quem é o jovem contemporâneo que transita pela cidade, que frequenta a escola e possibilitar, dessa forma, um maior e melhor conhecimento por parte de seus docentes, pois conhecer os alunos forma parte, igualmente, de um melhor planejamento pedagógico.

É possível, ainda, perceber nuances importantes a partir das análises dos fluxos juvenis pela cidade. As cartas auxiliaram os pesquisadores a dirigir um olhar refinado aos sujeitos de análise: as questões de segurança, por exemplo, ficam em evidência quando se trata de territorialidades dos jovens pela cidade, tanto na relação de frequentar espaços públicos ou privados, quanto na escolha por sair de dia ou de noite, bem como nas dicas apresentadas aos visitantes.

Espera-se que os gestores públicos da cidade atentem para esse transitar juvenil, pois esta construção de relação com a cidade justamente inicia nestes processos de independência dos jovens, quando estes circulam sozinhos, ou com amigos, pela cidade. Oxalá se tenha, em um futuro próximo, uma cidade na qual os jovens possam circular sem medo e então, serem mais felizes.

Referências

- Bezerra, M. (2003) Por que cartas do leitor na sala de aula. In.: Dionisio, A. *et al.* Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Borelli, S. y Roccha, R. (2008) Juventudes, Miatizações e nomadismos: a cidade como arena. Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, vol.5, n.13.
- Camargo, M. (2000). Cartas Adolescentes. Uma leitura e modos de ser. In.: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio *et al.* Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres.

- Carrano, P. (2003) *Juventudes e Cidades Educadoras*. Petrópolis. Editora Vozes.
- Clark, D. (1991) *Introdução à Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Feixa Pampols, C. (1998) *La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles*. In: Margulis, M. Cubides, H. y Valderrama, C. *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre.
- Heidegger, M. (2006) *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>.
- Oliveira, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa De. *Culturas Juvenis e Pertencimento Urbano: Mapeando os Fluxos Juvenis na Cidade*. REVISTA FSA (FACULDADE SANTO AGOSTINHO), v. 15, p. 110-124, 2018a.
- Oliveira, V. (2018b) *Jovens e Cidade: um Estudo sobre a urbanidade de Jovens Contemporâneos*. In: Oliveira, Victor Hugo Nedel. (Org.). *Pesquisa em Educação e em Juventudes: Inquietações Cotidianas*. 1ed. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas.
- Oliveira, V. (2018a) *Pesquisa em Educação e em Juventudes: Inquietações Cotidianas*. 1. ed. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas.
- Oliveira, V. (2018b) *Projeto de Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*. No prelo. Porto Alegre: PUCRS.
- Oliveira, V. (2018) *(De)marcando a cidade: vivências urbanas de jovens-estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS*. *Revista Cadernos do Aplicação*. Porto Alegre, jan.-jul. 2018c, v. 31.
- Pais, J. (2003) *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Reyes, P. (2005) *Quando a rua vira corpo ou a dimensão pública na ordem digital*. Editora Unisinos, 2005.
- Santos, M. (1997) *A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Sierra Blas, V. (2002) *Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo*. Signo. *Revista de Historia de la Cultura Escrita*. Universidad de Alcalá: Alcalá de Henares.
- Wulff, H. (1995) *Introducing youth culture in its own right: the state of the art and new possibilities*. In: AMIT-TALAI, Vered. WULFF, Helena. *Youth cultures: a cross-cultural perspective*. London: Routledgs.

Notas

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, victor.juventudes@gmail.com